



FAMÍLIA E RESIDÊNCIA EM ESPAÇO URBANO Guimarães em 1799¹

PORTO, 22 de novembro de 2103

Autores:

Antero Ferreira (anterof@gmail.com) | GHP-CITCEM / U. Minho

Maria Norberta Amorim (namorim@neps.ics.uminho.pt) | GHP-CITCEM / U. Minho

Maria João Guerreiro (mariajoao@ufp.edu.pt) | Universidade Fernando Pessoa

Data da última revisão: (Dezembro, 2013)

**DRAFT VERSION
DO NOT CITE WITHOUT AUTHORS' PERMISSION**

¹ Research conducted within the Project “Espaços urbanos: dinâmicas demográficas e sociais (séculos XVII-XX)”, with the reference FCT PTDC/HIS-HIS/099228/2008, co-funded by the budget of the COMPETE – Programa Operacional Factores de Competitividade in its ERDF component and the budget of the Fundação para a Ciência e a Tecnologia in its State Budget component.

FAMÍLIA E RESIDÊNCIA EM ESPAÇO URBANO

Guimarães em 1799

Introdução

Só a partir de 1970 se realizam em simultâneo dois recenseamentos gerais em Portugal: o da população e o da habitação, dois indicadores privilegiados da sociedade em que vivemos. No entanto, para efeitos civis ou religiosos, a contagem de fogos, com o sentido de grupos familiares que subsistem autonomamente, transita da Idade Média ao tempo presente, como suporte das administrações, civil e eclesiástica. Paralelamente, os mesmos imperativos fiscais foram conduzindo a uma cada vez mais sistemática identificação da propriedade, incluindo a propriedade urbana.

Cruzando essas fontes, recuamos dois séculos e focamos três ruas da freguesia da Oliveira, em Guimarães, socialmente diferenciadas: duas ruas centrais, a Rua Nova e a Rua dos Mercadores, e uma periférica, a Rua da Arcela. As três ruas mantêm ainda hoje sensivelmente a mesma estrutura, evidenciada pelos mapas que acompanham este trabalho.

Montadas as casas, conhecido para o ano de 1799 o valor arbitrado a cada uma e conhecidos os respetivos nomes de proprietários e inquilinos, desenvolvemos um processo de integração da população residente em cada uma delas. Dispomos de uma série contínua de róis de confessados, a cobrir o período, em que são registados os residentes obrigados a preceitos quaresmais, fogo a fogo e residência a residência, segundo a própria hierarquia familiar. Essa população residente foi identificada na sua maior parte numa base de dados genealógica (Amorim, 1987), a integrar nove paróquias de Guimarães na envolvência da sua Igreja Matriz, e que foi construída a partir do cruzamento dos registos de batizados, casamentos e óbitos caídos em domínio público (entre os finais do século XVI a 1911), usando a metodologia de reconstituição de paróquias sucessivamente adaptada ((Amorim, 1987, 2012; Faria & Henriques, 2004).

Assim, para esse ano de 1799, tendo sido identificadas e questionadas as fontes, a base de dados específica, com a população integrada nas respetivas residências, abre-nos amplas perspectivas de análises comparativas para as três ruas, quer no plano social, quer no plano demográfico.

O acompanhamento da residência, caso a caso ao longo de 5 anos (de 1799 a 1804) aproxima-nos depois da mobilidade urbana diferencial.

1. Fontes e procedimentos metodológicos

1.1. Base de Dados Genealógica

Partindo da *base de dados genealógica* [BDG] constituída por Maria Norberta Amorim através da fusão de nove bases paroquiais da cidade de Guimarães (Amorim, 1987, 2012) procedemos à identificação sistemática dos indivíduos referidos nas outras fontes que manuseamos.

1.2. Rol de Confessados:

O **rol de confessados** é uma lista, organizada pelos párocos para verificação do cumprimento do preceito Pascal, que reúne todos os residentes da paróquia com idade superior a 7 anos, organizada por fogos, repartidos por ruas e lugares. Os membros de cada fogo são listados hierarquicamente, com indicação do nome, sexo e relação de parentesco ou de dependência com o cabeça de fogo.

No rol de 1799 que utilizamos neste trabalho, verificamos que o redator identifica com um sinal único [#] o “chefe de família”, utilizando um sinal diferente [“] sempre que outras unidades contributivas partilham a mesma residência (sejam famílias ou indivíduos isolados). Infelizmente, para este período, só dispomos dos róis de uma das duas partes em que se encontrava dividida a paróquia da Oliveira.

1.3. Rol da Décima de 1799

O Rol da Décima das Propriedades do ano de 1799 da paróquia de Oliveira tal como o rol de confessados, está organizado por ruas e lugares, listando todas as casas e propriedades, com referência ao nome do titular da propriedade e, por vezes, à sua profissão, ao nome do indivíduo que efetivamente ocupa a propriedade, a sua profissão e o valor da décima a cobrar.

A identificação destes indivíduos é muito sumária, por vezes nem sequer são identificados pelo seu nome, mas por uma determinada relação de parentesco (por exemplo: viúva de, herdeiros de, etc.) ou por uma alcunha. Em alguns casos nem sequer é identificado o nome (por exemplo: um homem, mulheres, etc.).

1.4. Mapas

Os mapas temáticos foram desenvolvidos com base na cartografia da cidade de Guimarães, na qual estão identificados os prédios atualmente existentes, e nos mapas disponíveis no site da Câmara Municipal de Guimarães (www.cm-guimaraes.pt).

Usou-se o software ArcMap 10.2 da ESRI para ligação da informação vetorial do edificado aos atributos desenvolvidos no âmbito deste trabalho. Deste modo, foi possível criar mapas com a distribuição espacial das ocupações, estabilidade do chefe da família e valor da décima da propriedade para cada casa e cada rua estudada.

1.5. Procedimentos metodológicos

Tendo decidido limitar este trabalho às três ruas já referidas da freguesia da Oliveira, começamos por constituir uma base de dados através do cruzamento da informação do rol de confessados de 1799 com o rol da décima. Partindo do rol da décima, rua a rua, analisamos a sequência dos fogos e das propriedades, procurando encontrar uma correspondência entre os cabeças de fogo e os indivíduos que, segundo o rol da décima, ocupavam as casas. O recurso à base de dados genealógica permitiu-nos ultrapassar várias dificuldades, principalmente quando os indivíduos eram identificados através de uma relação de parentesco, tal como: *filho de* ou *viúva de*.

Estabelecida esta estrutura, analisamos os róis seguintes, até 1804, inserindo as famílias e indivíduos que apareciam pela primeira vez nestas ruas e assinalando aqueles que desapareciam do rol. Completamos as unidades de residência incluindo os filhos, menores de 7 anos, registados na base de dados genealógica.

Completamos esta informação com as ocupações declaradas no Rol da Décima do Maneio referente ao mesmo ano de 1799.

Finalizado este processo, dispúnhamos de uma base de dados para as três ruas com a seguinte informação:

Rua, Nº de Fogo, Nº da Décima, Nome, Número de Indivíduo (BD Genealógica), Data de nascimento, Naturalidade, Data de casamento, Data de óbito, Sexo, Estado civil, Idader, Parentesco (posição na hierarquia do fogo), Relação com a propriedade (proprietário ou inquilino), Tipo de Agregado Doméstico (segundo a Tipologia de Cambridge, adaptada), Nível de Estabilidade, Valor Décima, Ocupação² (Rol, Décima, BDG)

A paróquia da Oliveira ocupa o núcleo do centro histórico de Guimarães, classificado como Património Mundial pela Unesco em 2001, por ser um exemplo *excecionalmente bem preservado e autêntico da evolução de uma urbe medieval para uma cidade moderna*.(UNESCO, 2001) Observando as ruas sobre que incidiu o nosso trabalho, facilmente constatamos que não houve alterações significativas no seu traçado, nem na área ocupada pelas casas (Ferrão, 2002; Ferrão Bernardo e Afonso, 1998).

Partindo deste pressuposto, representar espacialmente a nossa base de dados, sobrepondo-a a uma planta atual da cidade. Mais uma vez, relacionamos sequencialmente a informação da base de dados com a ordem dos edifícios em cada rua. Apresentamos este resultado como uma simulação que, sujeita a erros de pormenor, tem a enorme virtualidade de nos dar uma visão geral da ocupação social do espaço na cidade de Guimarães.

² Harmonizamos as ocupações recorrendo à classificação HISCO - Historical international standard classification of occupations(Leeuwen, Maas, & Miles, 2002)

O cruzamento destas fontes permite-nos traçar a ocupação social deste espaço. O valor médio da décima desta rua é de 642 réis, com um limite mínimo de 310 e um máximo de 1.225 réis. Vinte e duas casas (48%) são ocupadas pelos proprietários enquanto vinte e quatro (52%) estão arrendadas.



Fig. 3 – Rua Nova do Muro – décima do maneio.

Das ocupações profissionais conhecidas para a Rua Nova, destacam-se claramente os 18 sapateiros e 5 negociantes de material de calçado, o que indicia claramente uma especialização profissional deste espaço.

A análise do valor que pagam pela décima do maneio, dá-nos uma indicação indireta dos seus rendimentos profissionais. Mantém-se o relevo das profissões associadas ao calçado, acompanhadas somente pelo representante das profissões liberais, pelo marinheiro e pelo alfaiate. Note-se que, apesar de lhes ser referida uma profissão, a 12 destes residentes não é cobrada décima de maneio, o que está relacionado com a isenção do pagamento concedida pela Rainha D. Maria I, a partir de 1789, aos jornaleiros, criados e oficiais de ofícios mecânicos³.

Dos outros doze chefes de fogo de que não pudemos conhecer a ocupação através da décima, dois são membros do clero, seis são mulheres e para os restantes não temos mais informações nestas fontes.

³ Alvará de 17 de Dezembro de 1789 e Alvará de 4 de Abril de 1795.

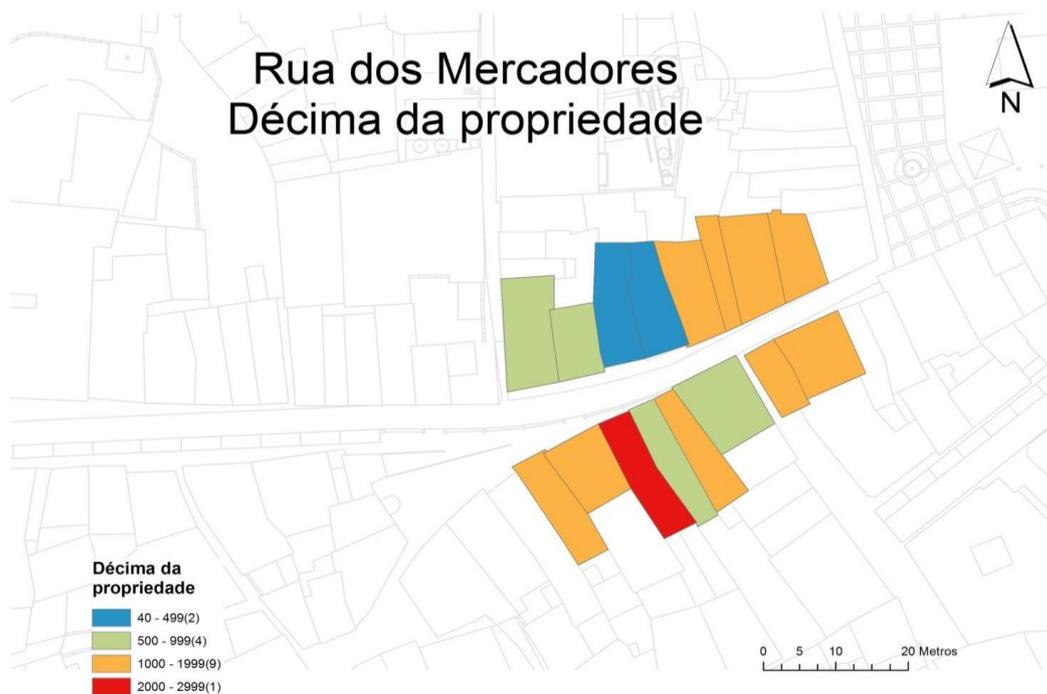
2. A Rua dos Mercadores



Fig. 4 – Rua dos Mercadores (parte da atual Rua da Rainha D. Maria II) assinalada pela linha amarela.

A Rua dos Mercadores, continuada pela Rua Sapateira, é já referida em documentos medievais (Ferreira, 1989). Estas duas vias ligavam a Praça de N^a Senhora (Oliveira) à Porta de S. Domingos, mais conhecida como Porta da Vila, constituindo um dos eixos fundamentais de Guimarães. A sua divisão situava-se no largo da Tulha.

Nas fontes manuseadas, o rol de confessados do ano de 1799 apresenta para esta rua dezassete fogos, enquanto para o mesmo ano, o rol da décima das propriedades refere dezasseis casas.



Rua dos Mercadores – décima da propriedade.

Fig. Fig. 5 –

O valor médio da décima das propriedades para esta rua é de 1.151 reis, quase o dobro da Rua Nova do Muro, com um limite mínimo de 400 e um máximo de 2.160 reis. Dez casas são ocupadas pelos proprietários (59%), enquanto sete (41%) são arrendadas.

Recolhemos a informação acerca da ocupação profissional de 14 dos 17 chefes de fogo, notando-se uma preponderância dos mercadores/negociantes e 4 ourives.



Fig. 6 – Rua dos Mercadores – décima da propriedade.

Analisando os valores da décima do maneio, encontramos uma diversidade muito superior à verificada na Rua Nova do Muro. Enquanto nesta última os valores se reduzem a 60 ou 100 réis, aqui surgem-nos indivíduos que pagam de maneio 120, 200, 300, 400 e uns assinaláveis 1600 reis. A regularidade destes valores aponta-nos a existência de cotas profissionais fixas (Macedo, 1982).

3. Rua da Arcela

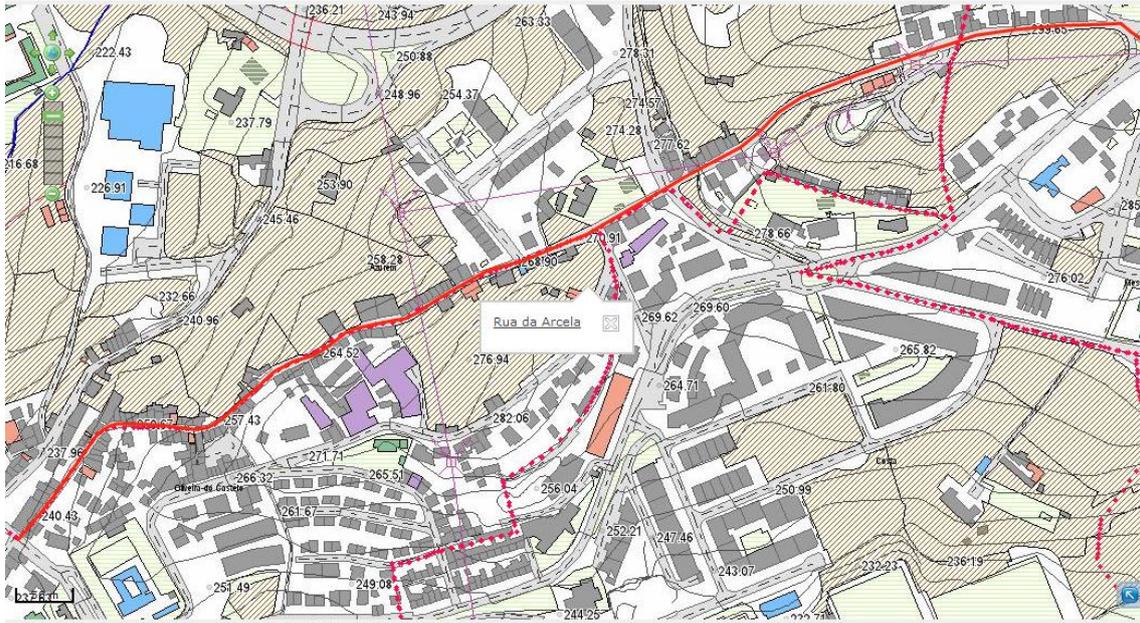


Fig. 7 – Rua da Arcela assinalada pela linha vermelha.

A Rua da Arcela tem o seu início junto do Campo de S. Mamede. No passado dava continuidade às ruas de Sta. Cruz e das Oliveiras, na saída de Guimarães em direção a Fafe. Sendo uma zona extrema da paróquia da Oliveira, aliás só um lado da rua pertence a esta paróquia, assume já características suburbanas.

Continuando a utilizar o rol de confessados do ano de 1799, verificamos que são referidos para esta rua 54 fogos. No rol da décima das propriedades encontramos 55 propriedades: 53 casas e duas propriedades rurais (olivais).

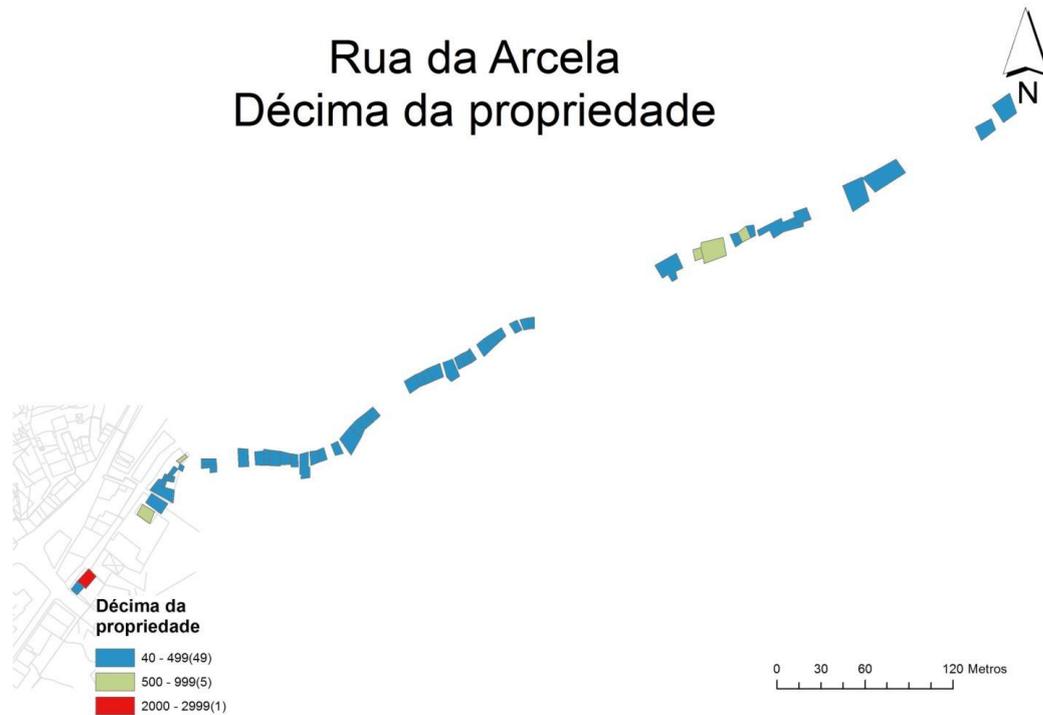


Fig. 8 – Rua da Arcela décima da propriedade.

O valor médio da décima das propriedades para esta rua é de 289 reis, cerca de metade do valor que encontramos para Rua Nova do Muro, com um limite mínimo de 40 e um máximo de 2.160 reis⁴. Seis casas são ocupadas pelos proprietários (11%), quarenta e sete (84%) são arrendadas, enquanto três (5%) estão desocupadas.

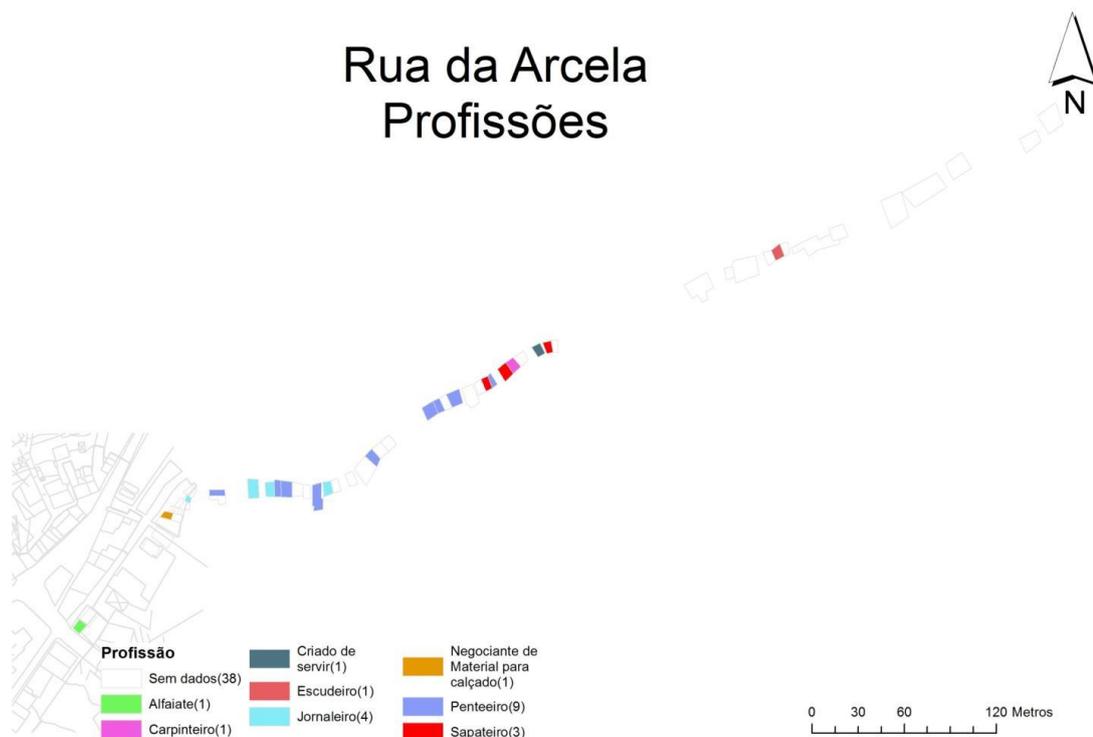


Fig. 9 – Rua da Arcela décima do maneio.

Ao contrário do que verificamos nos outros espaços, aqui só encontramos referências a quatro indivíduos que pagam décima de maneio: dois penteeiros e dois sapateiros. Os restantes dezassete indivíduos dos quais conhecemos a profissão estão isentas

De qualquer modo, nesta rua só conhecemos as profissões de 21 chefes de fogo (40%). Destaca-se o número de penteeiros, com uma elevada concentração correspondendo a 18% do total de chefes de fogo e a 45% do total de ocupações profissionais conhecidas nesta rua.

⁴ A propriedade com o valor de 2.160 reis inclui um campo agrícola. Se a retirarmos, a média desce para 254 reis.

3. Família e residência em espaço urbano

Através da apresentação das três ruas analisadas neste trabalho, pudemos já aperceber-nos de algumas singularidades.

Em primeiro lugar, cada um destes espaços apresenta uma especialização profissional: na Rua Nova do Muro temos uma preponderância de ocupações associadas ao calçado – sapateiros e negociantes de material de calçado; na Rua dos Mercadores predominam os mercadores e os ourives; finalmente, na Rua da Arcela, prevalecem os penteeiros e os serviços pessoais (criados de servir, jornaleiros e escudeiro).

Em segundo lugar, através do pagamento da décima do maneiio conseguimos estabelecer uma hierarquia clara entre estas ruas. Na Rua da Arcela a cobrança deste imposto não tem praticamente significado. Na Rua Nova do Muro, predominam os escalões de 60 e 100 reis e a Rua dos Mercadores é a única onde encontramos indivíduos a pagar mais do que 100 reis de maneiio.

O próprio valor décima das propriedades segue o mesmo padrão. Na Rua da Arcela, 89% das propriedades pagam uma décima até 499 reis, na Rua Nova do Muro, 81% das propriedades pagam entre 500 e 999 reis, finalmente, na Rua dos Mercadores, 56% das propriedades pagam uma décima entre 1.000 e 1.999 reis. A propriedade da Arcela que paga acima de 2.000 reis é, como já referimos, uma propriedade agrícola.

Quadro 1
Média de dependentes por fogo

Dependentes	Rua da Arcela	Rua Nova	Rua dos Mercadores
Criado	0,12	0,50	1,88
Aprendiz		0,11	
Oficial		0,09	0,06
Caixeiro			0,12
Escravo		0,02	0,06
Indeterminado	0,09		0,41

Considerando os vários tipos de dependentes que fazem parte dos fogos listados no rol de confessados, verificamos que a média de criados por fogo nos confirma o contraste já verificado noutros indicadores. Na Rua dos Mercadores temos uma média próxima dos dois criados por fogo, enquanto na Rua Nova temos uma média de um criado por cada duas casas e na Rua da Arcela um criado para cada dez casas.

Analisamos ainda a situação de outros indivíduos que aparecem em posição subalterna, tais como, escravos, aprendizes, oficiais e caixeiros. A sua distribuição pelas ruas está de acordo com a especialização profissional que já detetámos: aprendizes e oficiais, certamente da área do calçado, estão presentes na Rua Nova do Muro, enquanto oficiais e caixeiros associados à

atividade comercial, surgem na Rua dos Mercadores. Nenhum destes dependentes está representado na Rua da Arcela.

Na Rua dos Mercadores assume particular destaque o número de indivíduos com relação de parentesco indeterminada. Pensamos que se trata, na maior parte dos casos, de indivíduos dependentes do cabeça de fogo, mas com um estatuto superior ao de criados.

Dispondo da informação vital de um elevado número de indivíduos nestas três ruas, analisamos também o registo de óbito de todos os chefes de fogo e dos seus cônjuges entre 1780 e 1820. Não encontramos neste curto período nenhum testamento na Rua da Arcela, ao contrário do que acontece na Rua Nova do Muro e na Rua dos Mercadores onde eram muito frequentes. A informação constante destes testamentos, particularmente as disposições sobre as heranças, foram uma fonte privilegiada para aferirmos o estatuto socioeconómico destas famílias, particularmente quanto não dispomos de informações sobre as profissões.

É o caso de Cristóvão Francisco Barroso, natural de S. Gens, concelho de Fafe, casado com Ana Maria da Maia, residente nas casas nº 6 e 7, de que é proprietário e que pelas quais paga de décima, respetivamente, 900 e 720 reis. Sabemos ainda que é proprietário de uma casa na vizinha Rua do Postigo, de que paga 860 reis, e de parte de uma outra casa na Rua Nova (45a) de que paga 550 reis. A sua contribuição para a décima de propriedades na paróquia da Oliveira totaliza 3.030 réis.

O facto de partilhar a propriedade da casa 45 com António Lopes da Maia indicia-nos uma relação de parentesco entre os dois que é confirmada pela base de dados genealógica. Verificamos que a esposa de Cristóvão é irmã de António Lopes da Maia que tinha falecido em 1798. António era proprietário de uma casa na Rua de Sta. Cruz (230 reis) e de duas casas na Rua Nova, nº 1 (720 reis) e a já referida nº 45b (480 reis), perfazendo 1.430 reis.

O filho de António Lopes da Maia, Manuel Lopes da Maia veio a falecer, por sua vez, no ano de 1808, encontrando-se em casa de Cristóvão Francisco Barroso. Destacamos esta passagem do seu testamento:

“(...) hei por nomeado o Prazo destas casas em que vivo, foreiro à Casa de Laços, na vida, ou vidas, em que se achar, ou no direito da sua renovação em minha Prima Maria Joaquina, filha de Cristóvão Francisco Barroso sem nenhuma obrigação, porque lhe devo a de me tratar. (...) Nomeio por meus testamenteiros aos senhores Cristóvão Francisco Barroso e José António de Sousa, negociante desta vila (...)”[AMAP P-398]

Assim, a família de Cristóvão Francisco Barroso virá a tomar posse da casa nº 1 da Rua Nova. Para além das relações de parentesco, percebem-se também nesta fonte outro tipo de relações, como por exemplo a nomeação de José António Sousa, morador na casa nº 103 da Rua dos Mercadores, como seu testamenteiro.

Da Rua dos Mercadores, salientamos o testamento de Manuel José Alves da Silva, capitão, que, como se percebe, tem como ocupação a atividade comercial:

“Se eu em vida não efetuar como tenho determinado a passagem do negócio que tenho e administro com meu sócio José António de Abreu Silva; neste caso nomeio e hei por elegido em meu lugar e com representação minha, ao já dito José António Fernandes Pinheiro para lhe dar balanço e fazer o mesmo trespasse como lhe parecer justo, conveniente e razoável ao mesmo sócio acima

declarado e a meu sobrinho José da Costa atual caixeiro na casa (...)”(Livro de Registo de Óbitos da Paróquia da Oliveira -, 1800)

Num outro testamento, Inácio José da Silva, falecido em 1802, natural de Irivo, alfaiate e proprietário da casa onde residia, pagando de décima 900 reis, declara:

“(...) não tenho herdeiros necessários que meus bens hajam de herdar e por essa razão instituo por meu universal herdeiro e testamenteiro a José António Teixeira, Negociante nesta rua no qual nomeio estas minhas casas em que sou morador, com todas as suas pertenças, com obrigação de me pagar as minhas dívidas e satisfazer o que abaixo e adiante deixo determinado. (...) Declaro que tenho contas com alguns mercadores desta vila e a alguns eu devo e eles também me devem e por isso meu herdeiro e testamenteiro examinará e achando verdadeiras as dívidas pagará e receberá deles o que eles deverem e constar do meu livro. (...)”(Livro de Registo de Óbitos da Paróquia da Oliveira -, 1800)

Estes dois testamentos deixam transparecer uma intensa atividade comercial e uma densa rede de negócios entre os mercadores e negociantes da vila de Guimarães, abrindo espaço para outras análises que não cabem no âmbito deste estudo.

Para a Rua da Arcela, como já referimos, não encontramos testamentos para o período em estudo. Ensaíamos uma outra abordagem, procurando encontrar relações de parentesco entre os membros de cada fogo e os fogos vizinhos percorrendo os róis de confessados entre 1786 e 1805. Neste período de vinte anos conseguimos observar, entre as famílias mais estáveis, a sucessiva evolução da composição do agregado familiar de acordo com a fase do ciclo de vida. Destacamos o fogo número 26, a que corresponde a casa 223, em que vive Teresa Maria, viúva, com duas filhas, Josefa Maria e Catarina Maria. No mesmo fogo vivem ainda Antónia Maria, solteira, e outra Antónia Maria, casada, com o seu filho Manuel José. Tal como noutros casos, verificamos exaustivamente a base de dados genealógica, procurando apurar possíveis relacionamentos de parentesco com as outras duas mulheres, embora neste caso a pesquisa se tenha revelado infrutífera.

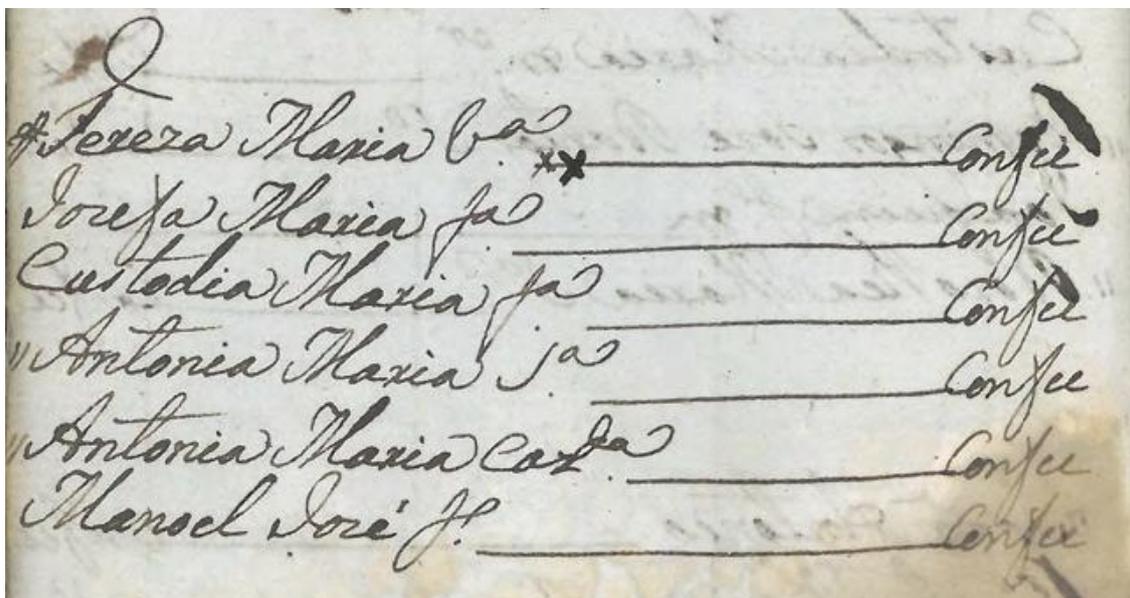


Fig. 10 – Fogo da Rua da Arcela.

Teresa Maria [de Freitas] era casada com Pedro António de Passos, penteiro, que falecera em 1784. Deste casamento, Teresa teve 10 filhos, dos quais quatro se casaram entre 1787 e 1797.

Analisando o rol, verificamos que na casa seguinte reside José Luís [Silva], casado com Catarina Maria, a filha mais velha de Teresa. O José Luís, originário de Golães, concelho de Fafe, é oficial de penteiro. As casas que habitam pertencem a Manuel José Campelo que paga por elas de décima, respetivamente, 105 e 285 reis.

Numa casa vizinha, propriedade de uma viúva, reside Ana Maria, outra filha de Teresa Maria, com o seu marido Domingos Dias de Oliveira, oficial de penteiro. Tinham casado em 1793 e residiram em casa da mãe até 1798. Em 1799 mudaram-se para esta casa que era ocupada por Luís Francisco Varela que entretanto falecera.

Numa das casas seguintes, da mesma proprietária, vive António de Passos, outro filho de Teresa Maria, casado com Josefa Maria, também oficial de penteiro. Tinham-se casado em 1794 e desde essa data residem nesta casa. A proprietária paga de décima por cada uma destas casas 180 reis.

Esta família estava perfeitamente inserida no contexto desta rua, com uma permanência que se prolonga por gerações, estando os homens associados à profissão de penteiros.

4. Análise de Indicadores demográficos

Estabelecidas as características destas três ruas da paróquia da Oliveira, procuramos analisar alguns simples indicadores demográficos para verificar se acompanham as observações apresentadas.

Para abordarmos o fenómeno da mobilidade em espaço urbano, acompanhamos a residência das famílias representadas no rol de 1799, sucessivamente, até 1804. Por cada ano de permanência incrementamos uma unidade do nível de estabilidade.

Quadro 2
Nível de Estabilidade

Ruas	Nível de estabilidade					Total
	1	2	3	4	5	
Rua da Arcela	19%	19%	9%	6%	48%	54
Rua Nova do Muro	16%	12%	10%	0%	62%	50
Rua dos Mercadores	0%	6%	0%	6%	88%	17

Os resultados obtidos são claros, apontando a Rua dos Mercadores como a zona mais estável, com 88% de famílias de nível 5. Por oposição, as Ruas da Arcela e Nova Muro têm um comportamento semelhante nas famílias de nível 1, 2 e 3, mas apresentam algum contraste no nível 5, com a Rua da Arcela a apresentar um valor inferior a 50%. Estas observações, que remetem para diferentes tipos de agregados, são coerentes com o número médio de habitantes por fogo: 7,2 na Rua dos Mercadores, 5,3 na Rua Nova e 3,7 na Rua da Arcela, indicando que a maior estabilidade está relacionada com a dimensão média do agregado, enquanto, pelo contrário, quanto menor a estabilidade, menor a dimensão média do fogo.

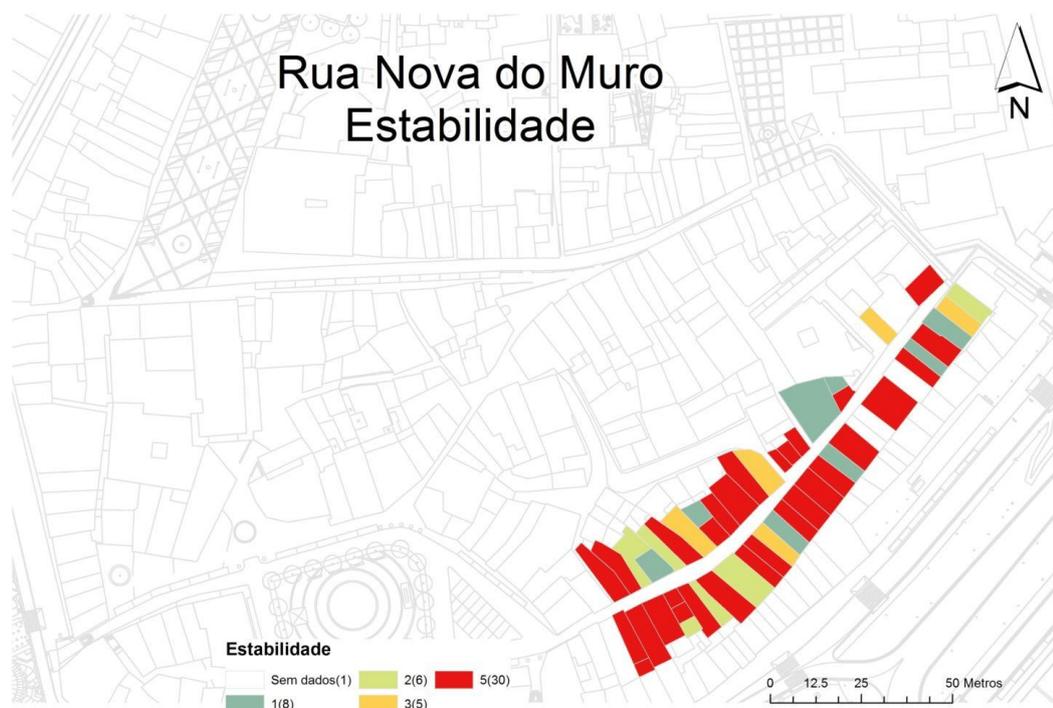


Fig. 11 – Rua Nova do Muro - Nível de estabilidade

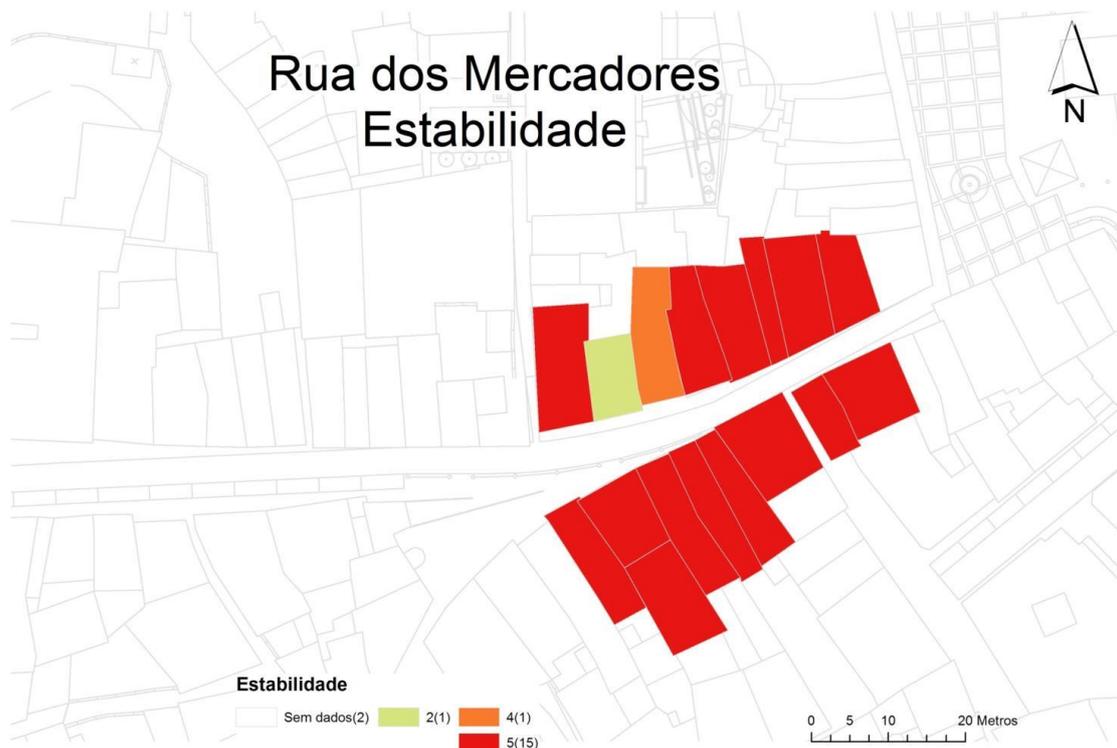


Fig. 12 – Rua dos Mercadores - Nível de estabilidade

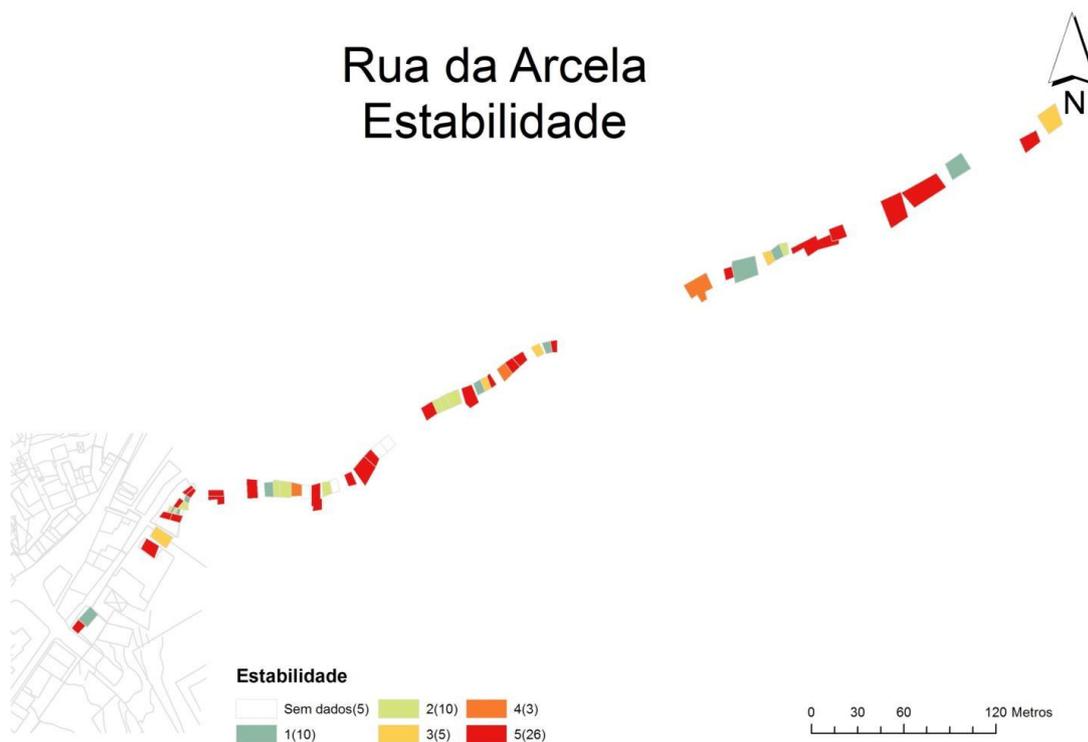


Fig. 13 – Rua da Arcela - Nível de estabilidade

Para aprofundarmos esta análise, é fundamental conhecer a origem dos indivíduos que chegam a Guimarães. Para este efeito, começamos por organizar os indivíduos identificados nestas três

ruas de acordo com a sua naturalidade. No caso de Guimarães, agrupamos as paróquias urbanas (Oliveira, S. Paio e S. Sebastião), as paróquias suburbanas (Azurém e Creixomil) e as paróquias rurais (Costa, Mesão-Frio, Urgezes, Fermentões). As restantes paróquias do concelho foram agrupadas na designação Guimarães. Todas as outras paróquias foram agrupadas sob a designação do concelho a que pertencem. Os estrangeiros foram agrupados por países.

Quadro 3
Origem dos indivíduos

Origem	Rua da Arcela	Rua dos Mercadores	Rua Nova
GMR URB	21,6%	26,2%	43,4%
GMR SUB	8,4%	0,8%	0,4%
GMR RURAL	4,8%	0,8%	1,6%
GUIMARÃES	6,6%	3,3%	3,7%
Basto			0,4%
Cabeceiras de Basto		2,5%	0,4%
Mondim de Basto	0,6%		
Fafe	4,2%	2,5%	1,6%
Felgueiras	0,6%	1,6%	0,4%
Lousada		0,8%	
Amarante			1,2%
Tabuaço			0,4%
Tarouca			0,4%
Póvoa de Lanhoso			0,8%
Braga			0,8%
Barcelos	0,6%		
Chaves	0,6%		
Vila Pouca de Aguiar			0,4%
Gondomar			
Penafiel		1,6%	
Porto			0,8%
Trofa		0,8%	
Santo Tirso			0,4%
Viana do Castelo			0,4%
Águeda (?)			0,4%
Lisboa			0,0%
Espanha	0,6%		1,2%
França	0,6%		
(em branco)	50,8%	59,1%	40,9%
Total Geral	167	122	244

Neste quadro podemos observar três tendências claras. A primeira, o peso que têm os indivíduos naturais de Guimarães na Rua Nova do Muro (43,4%), o que indicia uma elevada estabilidade dos seus residentes. Por outro lado, esta rua atrai indivíduos de praticamente todas as regiões representadas. A segunda, o facto de na Rua dos Mercadores não conseguirmos identificar 59% das naturalidades dos indivíduos residentes. Conforme referimos, calculamos que as redes de parentesco e relacionamento destas famílias sejam bastante mais amplas do que as das outras

ruas. Só depois de estabelecer a duração da permanência destes indivíduos em Guimarães poderemos clarificar este fenómeno. Em terceiro lugar, na Rua da Arcela, 41 % dos indivíduos são naturais do concelho de Guimarães, 12% dos quais das vizinhas paróquias suburbanas e urbanas.

Pensamos que a Rua da Arcela será a porta de entrada na cidade para os indivíduos de recursos mais limitados das paróquias vizinhas que vêm trabalhar para a cidade de Guimarães. Pelo contrário, indivíduos com outros recursos e com outras relações deveriam estabelecer-se em espaços da cidade como Rua Nova do Muro e a Rua dos Mercadores.

Quadro 4
Chefia do fogo segundo o género e estado civil

Género	Estado Civil	Rua da Arcela	Rua dos Mercadores	Rua Nova
F	c	4%		2%
	s	15%		2%
	v	11%		12%
	Subtotal	30%	0%	16%
M	c	64%	58%	70%
	s		24%	8%
	v	6%	18%	6%
	Subtotal	70%	100%	84%
Total Geral		54	17	50

Analisando a chefia do fogo segundo o género, continuamos a encontrar um padrão de semelhante ao detetado ao nível da instabilidade. Na Rua da Arcela temos uma percentagem de fogos chefiados por mulheres muito significativa (30%), sendo que metade desses fogos é chefiada por mulheres solteiras e 4% por mulheres casadas com o cônjuge ausente. Pelo contrário, na Rua dos Mercadores todos os fogos são chefiados por homens.

Na Rua Nova, significativamente, a quase totalidade das mulheres que chefiam fogos são viúvas – o que indicia mais uma fase da evolução do agregado do que um fenómeno de instabilidade.

Notas Finais

Com este trabalho procuramos ensaiar novas abordagens para o estudo das populações urbanas. Pudemos comprovar que o cruzamento de informação nominativa de diversa origem é a chave que nos permite traçar um panorama global da comunidade que estudamos. De facto, a análise isolada de cada uma das fontes nunca nos permitiria um conhecimento tão detalhado das famílias e indivíduos que viviam em Guimarães, em 1799.

Através da identificação dos indivíduos, pudemos perceber as suas relações familiares e a teia de relações sociais que estabeleciam. Ao mesmo tempo, analisamos a origem geográfica dos indivíduos e a sua instalação em diferentes espaços da cidade. Apreciamos a estrutura das unidades residenciais, percebendo a complexidade e a diversidade da sua composição. Através dos dados da décima apercebemo-nos do valor espaço e da compartimentação das ocupações profissionais.

A representação destas realidades através dos mapas temáticos possibilitou-nos uma clara representação da estratificação social do espaço urbano. Esta perspetiva é particularmente estimuladora para o investigador que, deste modo, se apropria do espaço como nunca o tinha feito até agora.

Finalmente, o ensaio que realizamos sobre a instabilidade da população urbana, veio apresentar-nos um quadro que se encaixa perfeitamente no contexto que descrevemos: a instabilidade é maior nas zonas periféricas, mais desfavorecidas, denunciando um processo de mobilidade das zonas rurais para o mundo urbano em busca de ocupações mais valorizadas, que representam uma promoção social.

Bibliografia

- Amorim, M. N. S. B. (1987). *Guimarães, 1580-1819: estudo demográfico*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Amorim, M. N. S. B. (2012). Os desafios da cidade numa abordagem clássica da Demografia Histórica. In *Atas do Iº Congresso Internacional - As cidades na História: População* (pp. 83–111). Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.
- Faria, F., & Henriques, P. (2004). Análise Espacial de BD Paroquiais: antes e depois da Fusão. ... *apresentada ao VII Congreso de la ...*. Retrieved from <http://www3.di.uminho.pt/~gepl/SEED/doc/sia2dArtigo.pdf>
- Ferrão, B. (2002). O conceito de património arquitectónico e urbano na cultura ambiental vimaranense. In *Guimarães, Cidade Património Mundial, Um Objectivo Estratégico* (pp. 203–248). Guimarães: Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal.
- Ferrão Bernardo e Afonso, J. F. (1998). *A evolução da forma urbana de Guimarães e a criação do seu património edificado*. (C. M. de Guimarães, Ed.) *Guimarães, Cidade Património Mundial, Um Objectivo Estratégico*.
- Ferreira, M. da C. F. (1989). *Uma rua de elite na Guimarães medieval*. Guimarães: CMG.
- Leeuwen, M., Maas, I., & Miles, A. (2002). *HISCO: Historical international standard classification of occupations*. Leuven: Leuven University Press.
- Livro de Registo de Óbitos da Paróquia da Oliveira* -. (1800). Guimarães.
- Macedo, J. B. de. (1982). *Problemas de História da Indústria portuguesa no século XVIII*. (Querco, Ed.) (2nd ed.). Lisboa.
- UNESCO. (2001). Historic Centre of Guimarães. Retrieved December 04, 2013, from <http://whc.unesco.org/en/list/1031>

Anexos

Gráfico 1
Distribuição percentual dos escalões da décima de maneo

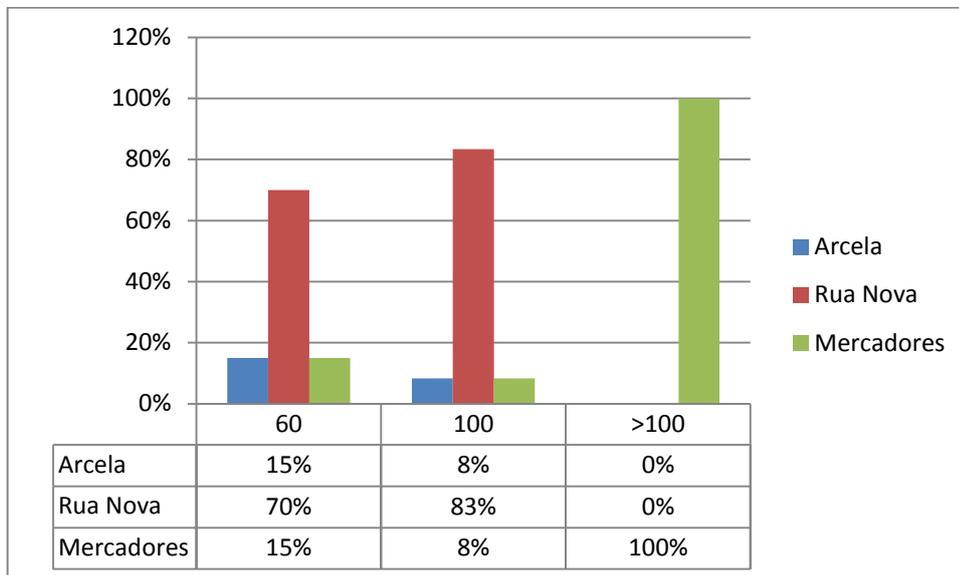
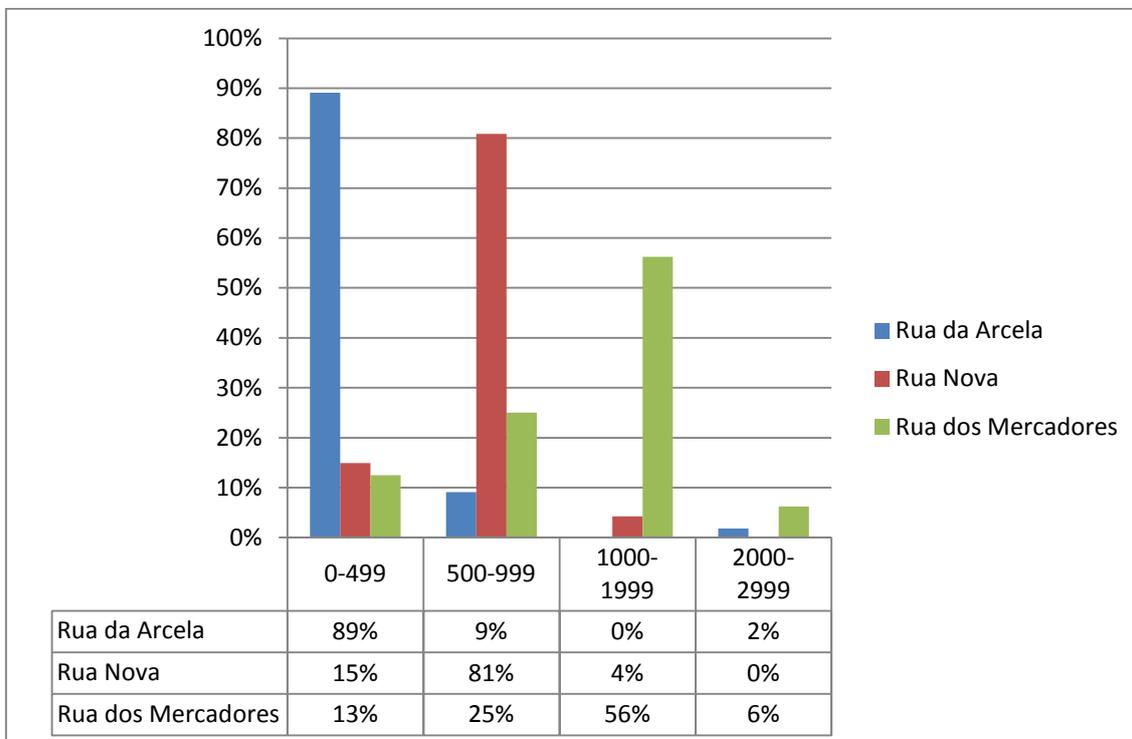


Gráfico 2
Distribuição percentual do valor da décima das propriedades



Quadro 4
Classificação dos agregados familiares
(percentagem)

Classificação dos Agregados		Rua da Arcela	Rua Nova	Rua dos Mercadores
1 - Isolados	1a	3,6	6,3	2,0
	1b	5,5	0,0	10,0
	1c	1,8	6,3	2,0
	1d			
	Subtotal	10,9	12,5	14,0
2 - Agregado Não Conjugal	2a	0,0	6,3	0,0
	2b	0,0	6,3	2,0
	2c	3,6	0,0	0,0
	Subtotal	3,6	12,5	2,0
3 - Agregado Familiar Simples	3a	16,4	0,0	10,0
	3b	34,5	31,3	28,0
	3c	9,1	18,8	8,0
	3d	1,8	0,0	0,0
	3e	3,6	0,0	0,0
	Subtotal	65,5	50,0	46,0
4 - Agregado Familiar Alargado	4a	3,6	12,5	8,0
	4b	1,8%	0,0%	2,0%
	4c	1,8%	6,3%	2,0%
	4d	3,6%	0,0%	0,0%
	4e	1,8%	6,3%	2,0%
	Subtotal	12,7%	25,0%	14,0%
5 - Agregados Familiares Múltiplos	5a	0,0%	0,0%	2,0%
	5b	0,0%	0,0%	2,0%
	5e	7,3%	0,0%	20,0%
	Subtotal	7,3%	0,0%	24,0%

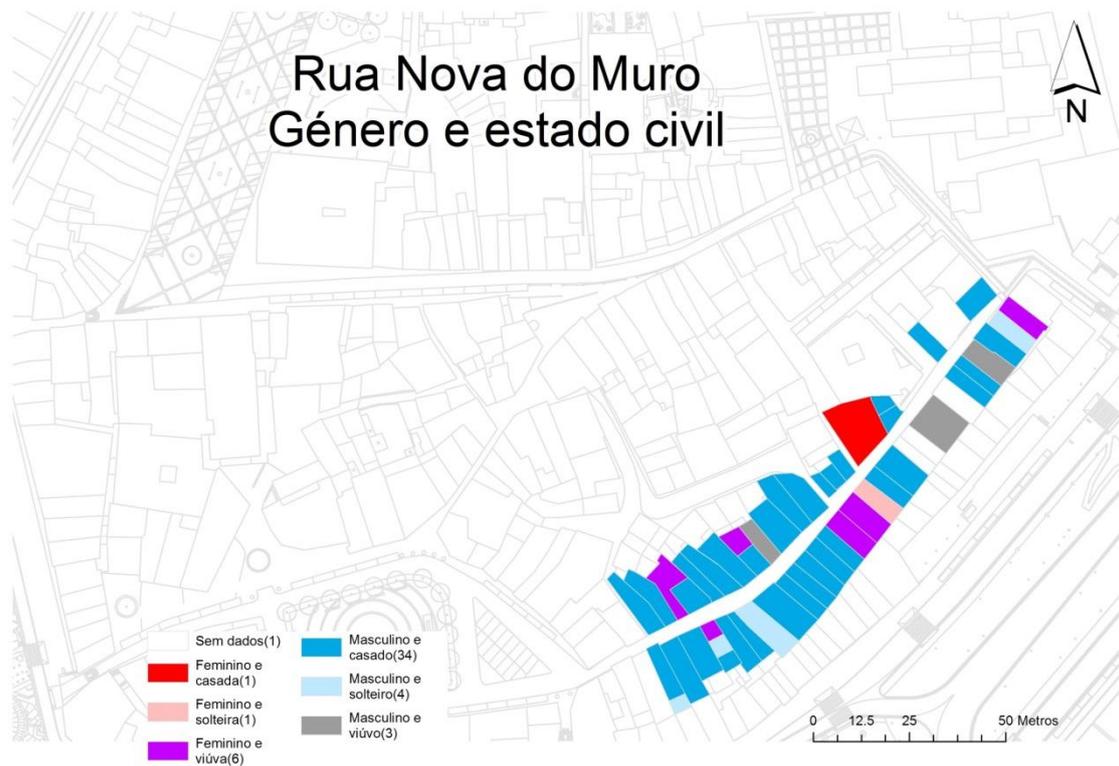


Fig. 14 – Rua Nova do Muro - Chefia dos Fogos segundo o género e o estado civil

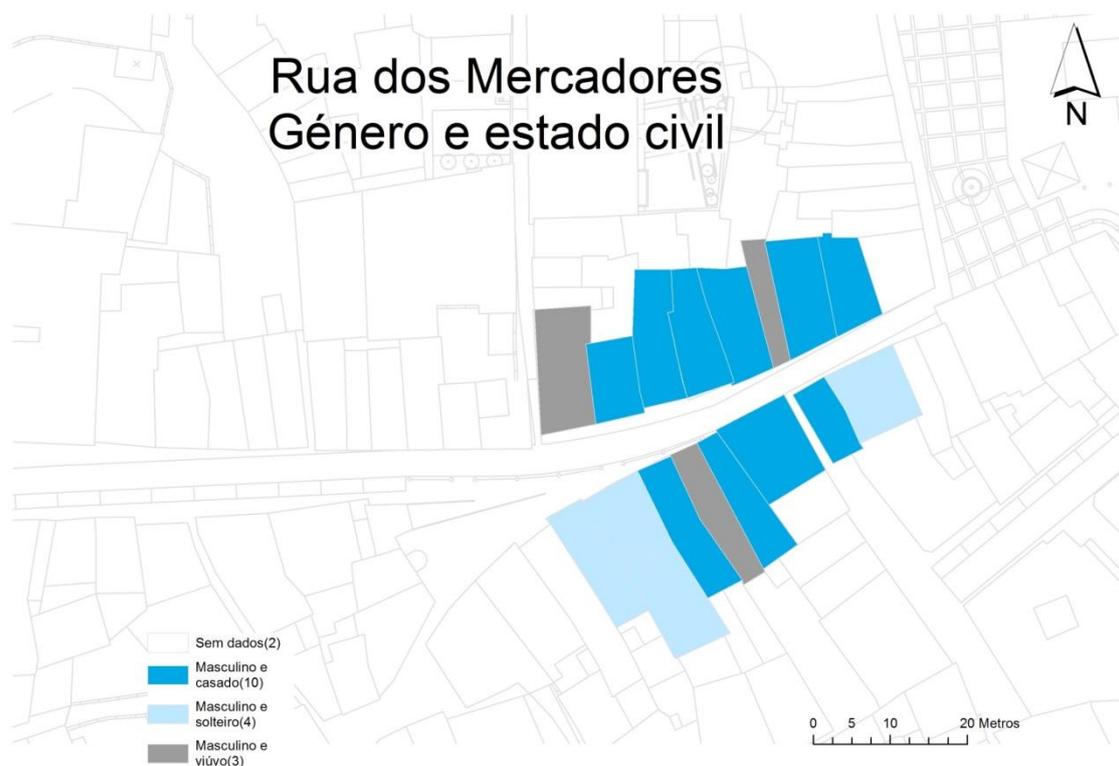


Fig. 15 – Rua dos Mercadores - Chefia dos Fogos segundo o género e o estado civil

Rua da Arcela Género e estado civil

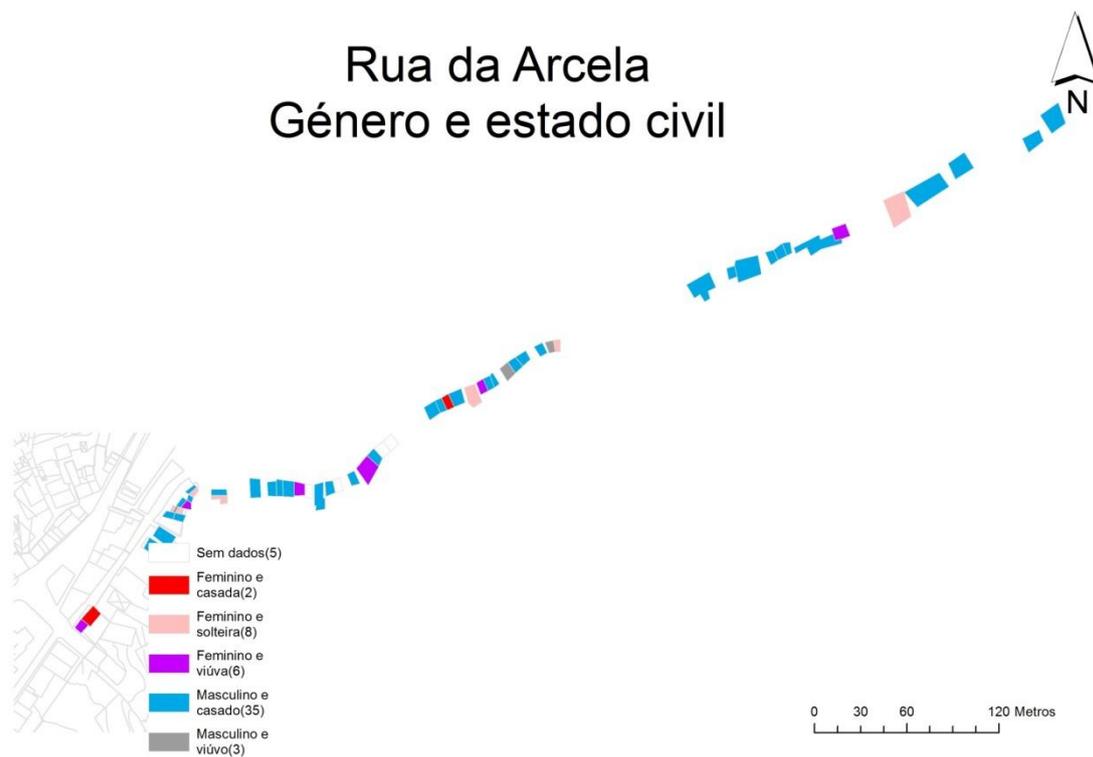


Fig. 16 – Rua da Arcela - Chefia dos Fogos segundo o género e o estado civil